

Spring 2005

A Falta de Voz Quilombola no Canto Brasileiro: As Conseqüências da Desvalorização da Terra Quilombola Pelo Estado Brasileiro

Maíra Dos Santos
SIT Study Abroad

Follow this and additional works at: https://digitalcollections.sit.edu/isp_collection



Part of the [Inequality and Stratification Commons](#), and the [Place and Environment Commons](#)

Recommended Citation

Dos Santos, Maíra, "A Falta de Voz Quilombola no Canto Brasileiro: As Conseqüências da Desvalorização da Terra Quilombola Pelo Estado Brasileiro" (2005). *Independent Study Project (ISP) Collection*. 467.
https://digitalcollections.sit.edu/isp_collection/467

This Unpublished Paper is brought to you for free and open access by the SIT Study Abroad at SIT Digital Collections. It has been accepted for inclusion in Independent Study Project (ISP) Collection by an authorized administrator of SIT Digital Collections. For more information, please contact digitalcollections@sit.edu.

A Falta de Voz Quilombola no Canto Brasileiro:

As Conseqüências da Desvalorização da Terra Quilombola pelo Estado Brasileiro



**Maíra Dos Santos
Independent Study Project
School for International Training
Brasil: Cultura, Desenvolvimento e Justiça Social**

Rio de Contas, maio 2005

Table of Contents

Abstrato	3
Agradecimentos	4
Introdução	5
Motivos Pessoais	7
Metodologia	8
Contexto	11
<i>A falta de respeito da terra Quilombola</i>	13
<i>Importância da pesquisa</i>	14
História da Região	16
<i>Descrição das comunidades</i>	19
Texto – “Tudo se acaba”	21
Conclusão	33
Sugestões para outros Estudos	35
Apêndice	36
Fotos	40
End Notes	43

Abstrato

No Brasil, existe uma longa história de um racismo institucional. Ou seja, desde a escravidão, a população afro-brasileira tem sido abandonada pelo Estado brasileiro. Esta pesquisa explora a relação entre o Estado e uma comunidade remanescente de Quilombo situada na Chapada Diamantina no Estado da Bahia. A relação entre os dois é estudada em termos dos direitos à terra Quilombola. Para os Quilombos, o direito à sua própria terra é o mais importante para a preservação das comunidades e também é o direito mais negado pelo Estado brasileiro. A negação desse direito tem muitas conseqüências para os quilombolas porque eles dependem da terra para sobreviver e porque eles têm habitado na mesma terra desde que eles estão resistindo o racismo. Uma mudança na terra, como a barragem que foi construída nessas comunidades, causou mudanças na cultura, na qualidade da vida e nas mentes das pessoas. Enfim, a desvalorização da terra Quilombola ignora a importância da história Quilombola.

Agradecimentos

Eu estou eternamente agradecida à comunidade de Rio de Contas, do Quilombo e da cidade, com quem eu tive contato durante a minha pesquisa. Nunca conheci um povo tão generoso como vocês. A minha pesquisa seria impossível se não fosse por aquelas pessoas na Barra e no Bananal que abriram suas portas para acomodar nós estrangeiras, incluindo Dona Pretinha e sua família, Joanita, e Seu Carmo. Também estou devendo meus obrigados a Daia e Dona Teresa que fizeram me sentir como família. Obrigado às pessoas do Riacho das Pedras e do Pirulito por seus contos e por todos os cafezinhos que eu não consegui resistir. Também devo os meus agradecimentos à Sarah Schwartz, que embarcou nessa aventura comigo, e ao SIT e Dra. Damiana Miranda, que fizeram esta pesquisa possível. Nunca imaginei que eu teria uma experiência assim, mas foi um tempo inesquecível que eu faria de novo sem hesitação.

Para as comunidades, eu espero que eu tenha contado a história de vocês justamente, para que o mundo possa andar sabendo um pouco mais sobre a luta dos quilombolas. A linda região de Rio de Contas é ainda mais agradável graças à beleza de todos os seus habitantes.

Introdução

No dia 13 de maio de 1888, a Princesa Isabel assinou uma lei que era para abolir a escravidão brasileira, marcando o Brasil como um dos últimos países a abolir a escravidão. Oficialmente na nação brasileira, é nesta data que se comemora o fim da escravidão. Porém, as pessoas que têm um conhecimento em geral sobre a situação negra no Brasil entendem que o 13 de maio foi um instrumento usado pelo estado brasileiro para fingir que a escravidão realmente acabou quando a lei foi assinada. Em fato, a realidade dos afro-descendentes não os deixa aceitar esta data porque, até hoje, as pessoas estão sentindo o racismo e o abandono do Estado que começou durante a escravidão.

A questão do racismo institucional é uma coisa muito grave com que o governo brasileiro deve se preocupar. Principalmente no estado da Bahia, que vivenciou a maior atividade escravista brasileira, o racismo está sempre evidente. É só andar pelas ruas do Pelourinho em Salvador para observar o número de pessoas na rua pedindo esmola, crianças catando lixo, famílias dormindo na praça, e reconhecer que o fato de muitas dessas pessoas serem negras não é uma coincidência. Essa imagem demonstra que durante muitos anos, os políticos brasileiros ignoraram a situação do negro brasileiro. Enquanto o povo brasileiro celebra a cultura afro-brasileira, incluindo o samba, a capoeira e o candomblé, a vida dos afro-descendentes parece ter sido esquecida, e até negada. As políticas do governo brasileiro têm prejudicado muito a população negra, e a recompensa é muito pequena.

Uma maneira de observar a presença, ou a falta da presença, do governo na vida afro-brasileira é dentro do Quilombo. Atualmente, a discussão Quilombola está começando a ser desenvolvida, mas ainda falta muito para melhorar a situação. Especificamente, o governo brasileiro tem tido muitas dificuldades para respeitar a terra

onde se encontra as comunidades quilombolas. O Estado implanta construções que várias vezes deslocam as comunidades ou que dificultam muito as vidas dos quilombolas. Essas construções tornam-se realidades que os quilombolas têm de enfrentar no dia-dia. Isso foi o que aconteceu no caso das comunidades quilombolas de Barra, Bananal e Riacho das Pedras com a construção de uma barragem pelo Estado Brasileiro. A barragem desalojou a comunidade de Riacho das Pedras e inundou uma área considerável das outras duas comunidades. Como essas comunidades dependem da terra para sobreviver, a barragem complicou muito a vida delas. Além disso, a barragem teve vários efeitos negativos na cultura e na mentalidade das comunidades.

Minha hipótese

Baseado na literatura e na minha percepção ao visitar os Quilombos de Barra, Bananal e Riacho das Pedras, a minha hipótese foi que a ação do Governo Federal em construir a barragem desvalorizou a vida no Quilombo, negando o direito que os quilombolas tinham à sua terra. A intrusão da barragem ignorou a história de como foi que aquelas pessoas chegaram na terra deles, portanto, ignorou a existência do Quilombo.

Motivos Pessoais

Sabendo que eu ia passar um tempo estudando na Bahia, eu estava muito interessada em estudar a população afro-brasileira. Na Bahia não pode se negar a existência das injustiças sociais em respeito aos negros brasileiros. Antes de visitar Rio de Contas, eu queria fazer algum projeto com a inclusão social da população afro-brasileira, mas não sabia como abordar este tema. Foi depois que o programa nos levou para visitar as comunidades quilombolas de Rio de Contas que eu concretizei o meu projeto. Depois de ter visitado o Quilombo, eu descobri que não existe um lugar melhor para estudar esta questão da inclusão social do que nas comunidades remanescentes. O Quilombo, como uma comunidade isolada, pobre, e negra, acaba ficando fora da política brasileira, sem assistência e sem ajuda. Também, eu queria fazer algo que era uma coisa realmente brasileira, e tudo isso me levou aos Quilombos de Barra, Bananal e Riacho das Pedras.

Eu fiquei impressionada com a energia dos quilombolas quando nós fomos visitá-los. Ouvindo-os contar a história de como a barragem dificultou a vida deles, eu me interessei muito em entender as vidas dessas pessoas. Com uma história tão rica, eu achei importante que alguém contasse esta história. Lá, eu encontrei uma comunidade muito forte que até hoje, continua lutando pelos seus direitos básicos. Quando eu estava lá na primeira vez, eu procurei saber como foi que o governo construiu a barragem na terra Quilombola, e se as pessoas das comunidades tiveram uma voz no processo. Eu estava interessada nisso porque para mim, invadir a terra de alguém assim significa que estas pessoas não são vistas como cidadãs. Foi depois de ter visitado as comunidades que eu aprendi que a luta pelo direito à terra é o maior problema dos Quilombos no Brasil. A

falta de respeito da terra Quilombola pelo governo brasileiro é uma coisa muito comum, que só agora está melhorando um pouco.

Metodologia

Eu cheguei em Rio de Contas no dia quatro de maio de 2005 para começar minha pesquisa. No primeiro dia, busquei informações no Arquivo Municipal da cidade, onde eles têm muitos documentos sobre a região e sobre a história. Eu usei Rio de Contas como a base do meu estudo, e durante a semana visitava e passava umas noites nas comunidades. Antes de passar a noite no Quilombo, pedi alguém de Rio de Contas que conhecia o local e as famílias para me apresentar às pessoas nas comunidades para eu poder explicar o que eu estava fazendo. Muitas pessoas abriram suas casas para podermos passar uns dias com elas, que facilitou nossa convivência com as comunidades.

Para chegar nas comunidades, nós pegávamos o ônibus da escola que levava os estudantes para as comunidades meio-dia e voltava no outro dia às 5:30 da manhã. Em total, eu passei uma noite na Barra e quatro noites no Bananal. Nas visitas, sempre havia alguém que já nos conhecia e aí nos apresentava a outras pessoas para conversarmos. Passava o dia visitando casas diferentes e conversando com as pessoas que não estavam trabalhando na roça. Na realidade, foi difícil achar pessoas em casa durante o dia; isso foi uma coisa que limitou a minha pesquisa. Quando o sol caía, se encontrava mais pessoas em casa, mas o tempo ficava pouco para as entrevistas..

Passei muito tempo nas comunidades conversando com as pessoas sobre as coisas em geral, e quando eu me sentia mais confortável com elas e elas comigo, eu fazia perguntas mais específicas. As conversas foram muito importantes para eu poder

entender mais sobre a mentalidade das pessoas e sobre a comunidade em geral. É possível que estas conversas informais me beneficiaram mais do que as entrevistas formais. Aconteceu que assim, eu usei muita *observação participante* (participant observation) nessas visitas às comunidades.

Depois de passar umas noites nas comunidades, eu voltava para o Arquivo de Rio de Contas para poder buscar mais informações. Assim eu comecei juntando o resultado de cada visita. Em Rio de Contas, também procurei as pessoas que mudaram para lá do Riacho das Pedras. Inclusive, eu fiquei na casa de uma família oriunda do Riacho das Pedras durante meu tempo na cidade. Visitei o bairro de Pirulito em Rio de Contas três vezes onde eu conversei com as pessoas que mudaram do Riacho das Pedras para Barro Branco e depois para o Pirulito.

Em total, eu conversei com 13 pessoas sobre a minha pesquisa. Destas 13, somente quatro foram entrevistas formais. Eu perguntei sobre a vida antes e depois da barragem, sobre o processo em que a barragem foi construída, sobre o efeito na cultura e na vida do dia-dia. Também procurei saber as opiniões dos quilombolas em relação ao Estado brasileiro, e o que eles acham que deveria ser feito pelo Estado sobre a terra. Muita da minha informação veio das entrevistas informais que aconteceram. Como tempo livre não é uma coisa muito comum para quem trabalha na roça, foi mais fácil ter conversas mais informais do que ter um tempo marcado. Também, por causa do limite do tempo e do trabalho das pessoas, eu não consegui conversar com mais pessoas. Porém, acredito que em geral, acumulei um bom conhecimento de como é a vida e as pessoas dessas comunidades. A última visita às comunidades foi no dia 18 de maio.

Para escrever o ISP, eu fiz o que eu pude para contar a história destas comunidades e as conseqüências da barragem na terra e nas pessoas. Eu senti muita pressão para eu contar a história corretamente porque eu escrevi o meu ISP em português.

Contexto

Em 1930, Gilberto Freyre desenvolveu a idéia de que o Brasil é o país mais avançado em termos de ter uma *democracia racial*. Ou seja, Freyre aceita que prejuízos existem, mas que são poucos e que faltam a força para motivar segregação e desigualdades. Porém, sabemos que as coisas não são sempre em preto e branco, e talvez no Brasil mais do que em qualquer outro país, a questão do racismo é muito complicada.

Primeiro, é significativo notar que a escravidão prolongada do Brasil fez que na Bahia, atualmente, exista a maior população de africanos fora da África. Existiu uma violenta escravidão brasileira, e logo após, existiu uma grande tentativa na parte das elites brasileira para tentar apagar essa violência da história. Muitos documentos foram perdidos, pessoas sumidas e dados queimados. Ademais, existiu uma política do Estado brasileiro para tentar embranquecer o país. De 1530 a 1850, foram trazidos aproximadamente quatro milhões de africanos escravizados ao Brasil. E entre 1871 e 1920, entraram no Brasil cerca de três milhões e quatrocentos mil europeus. É interessante perceber que em um período de cinco décadas, os europeus que aportaram no Brasil correspondiam quase ao mesmo número de africanos que foram trasladados para o Brasil em três séculos.¹ É provável que os números sejam inexatos, mas o conceito é o mesmo. Com dados assim, é difícil de pensar que possa existir uma democracia racial neste país ou em qualquer país onde existiu a escravidão. É só dar uma boa olhada na condição do negro brasileiro para ver que as desigualdades são mais que existentes. Uma das maneiras mais claras de ver estas injustiças é dentro do Quilombo brasileiro.

“O Quilombo, foram do ponto-de-vista de organização e de continuidade histórica a maior expressão de resistência à escravidão no Brasil”.² Segundo Abdias do Nascimento, o Quilombo é um local de resistência das pessoas negras, num nível político

e social, ao racismo opressor da sociedade dominante.³ Os escravos que conseguiram fugir do sistema formaram comunidades onde eles tentaram preservar seu modo de vida e sua liberdade. Mesmo nestas comunidades, os quilombolas continuaram sendo prejudicados pelo racismo. Os portugueses entendiam que a organização dos Quilombos era um risco para a continuação da escravidão, e por isso, Quilombos foram sempre atacados pelos políticos e elites do Brasil. Dos dez maiores Quilombos que existiam durante a época colonial, os portugueses destruíram sete entre os primeiros dois anos em que eles foram formados.⁴ Atualmente, a discriminação contra o Quilombo ainda existe, mas de uma maneira mais indireta.

Por serem comunidades negras, pobres e rurais, os Quilombos não têm recebido nenhuma prioridade aos olhos dos políticos brasileiros. “Quilombo vem a ser, portanto, o mote principal para se discutir uma parte da cidadania negada”.⁵ Durante muitos anos, a questão da vida Quilombola nem chegava perto a entrar na política brasileira. Hoje, existe uma tentativa na parte do Estado brasileiro para a inclusão social dessas comunidades na sociedade brasileira, mas os políticos têm gastado muito tempo tentando encontrar uma definição só de Quilombo em vez de melhorar a situação. A realidade é que o Quilombo não existe como um conceito homogêneo, portanto, deve ser a autodefinição Quilombola que decide o que é uma comunidade remanescente de Quilombo. O fato ainda é, que em muitos Quilombos, há uma grande falta de educação, saúde, infra-estrutura e atendimento em geral.

A falta de respeito da terra Quilombola

O presidente da Fundação Cultural Palmares⁶ explica: “Palmares reconhece que, embora possa listar uma centena de problemas sociais por que passam as comunidades quilombolas, a questão fundiária é a mais gritante”.⁷ No quinto país com maior extensão de terra do mundo, a luta pelo direito à terra está presente em todo canto brasileiro. Existe o movimento sem-terra, os povos indígenas, os quilombolas, os fazendeiros, os latifundiários, os ambientalistas e o governo, todos querendo tomar posse da terra e todos por causas muito diferentes. Conseqüentemente, grupos se tornam inimigos e a luta vira uma briga, uma violência.

No caso da terra Quilombola, a situação é diferente porque são comunidades que têm ocupado seu espaço durante muito tempo. A ocupação da terra Quilombola tem tudo a ver com a história e a luta dos afro-brasileiros pelos direitos básicos desde a escravidão. “As terras dos Quilombos desde o século XVIII são ocupadas por comunidades negras, que vivem do extrativismo e da pesca, e não podem nem devem ser consideradas terras do Estado ou de quem quer que seja”.⁸

Devido à origem dessas comunidades, o trabalho na terra tornou-se um aspecto essencial à sobrevivência das pessoas. As comunidades “tinham que executar uma economia interna que não dependesse da estrutura da sociedade abrangente... os Quilombos ou se sujeitavam a uma economia recoletora, o que não era possível, ou tinham de criar uma economia que produzisse aquilo de que os Quilombos necessitavam e que era regionalmente possível”. Portanto, trabalhando a terra para o próprio sustento foi o que permitiu o Quilombo resistir a escravidão. Além disso, muitos quilombolas só conhecem a vida na terra de onde a família deles vieram. Por exemplo, a comunidade Quilombola Kalunga de Minas Gerais explica que mesmo sem terem um documento oficial ou um título da propriedade, as pessoas de uma família sabiam que a terra era sua

porque seu pai e seu avô e o pai do seu avô sempre tinham vivido lá.⁹ O problema, então, é que em muitos casos o Estado brasileiro não respeita o significado da terra Quilombola. Nem se pode contar o número de casos onde o Estado tem invadido a terra Quilombola, expulsando as pessoas sem recompensa. Neste caso, negar o direito à terra Quilombola tem tudo a ver com negar a existência do Quilombo e da cultura afro-brasileira.

A forte conexão entre a terra e a cultura é uma coisa que não pode ser esquecida quando se discute a questão da terra Quilombola. Então, quando falamos dos direitos à terra, não deve ser somente a proteção das invasões de intrusos, mas também a preservação de sua cultura e suas tradições.¹⁰ As tradições de um povo são geralmente baseadas no modo de vida, na proximidade das casas, na união da comunidade e nos recursos que vêm daquele local. Por isso, deslocar uma comunidade de pessoas pode acabar com muito da cultura daquela comunidade. “A terra é o que propicia condições de permanência, de continuidade das referências simbólicas importantes à consolidação do imaginário coletivo, e os grupos chegam por vezes a projetar nela sua existência...”¹¹

Importância da pesquisa

É dentro desse contexto que a história do Quilombo de Barra, Bananal e Riacho das Pedras se torna uma coisa com muita importância para o estudo dos Quilombos no Brasil. Entender o que aconteceu nessas comunidades ajuda a entender um pouco a política brasileira em relação à população negra, e também um pouco sobre como esta política tem se desenvolvido nos últimos anos. Em Rio de Contas, a construção de uma barragem alagou as terras que pertenciam às comunidades. A chegada dessa enorme quantidade de água desalojou a comunidade de Riacho das Pedras e também tomou muita

terra do Bananal e da Barra. As comunidades sofreram muito, sendo a mais afetada a de Riacho das Pedras. E todo dia as pessoas ainda sentem as conseqüências da barragem. Enfim, a vida dos quilombolas estará sempre marcada por esta barragem, não somente na terra, mas também na mentalidade da comunidade. As ações do governo prejudicaram muito essas comunidades, e isso é um grande problema que o Estado brasileiro terá de resolver.

Este estudo também é significativo porque existe uma grande falta de informação geral sobre as comunidades quilombolas. Os estudos que existem sobre os Quilombos são, na maioria, baseados na explicação do papel dos Quilombos como locais de resistência à escravidão. Ultimamente, mais estudos estão surgindo na literatura brasileira sobre a questão dos direitos do Quilombo contemporâneo. Como existe uma enorme variedade de comunidades quilombolas, é importante que também exista um melhor conhecimento dos vários tipos de Quilombos.

*Por essa rua, essa estrada,
passaram índios,
passaram negros escravos,
passaram portugueses e paulistas,
em busca de minérios e conquistas,
com a bandeira das quinças
drapeando ao vento dos gerais ...*

- Esther Trindade Serra¹²

Herança de Ouro

Encaixado entre as montanhas e cachoeiras da Chapada Diamantina, se encontra a cidade de Rio de Contas. Seguindo o padrão da região da Chapada, a área de Rio de Contas foi usada como pousada na busca do ouro. No final do século XVII, viajantes oriundos de Goiás e de Minas Gerais indo para Salvador paravam nesta área da Chapada que lhes servia como um “ponto de pouso”. Este ponto tomou o nome de Crioulos, e logo, foram descobertos veios e cascalhos auríferos no Rio Brumado e nas serras circunvizinhas. Esta descoberta por sua vez atraiu os bandeirantes e os garimpeiros de outras regiões do Brasil para explorar os minerais das montanhas. Eles fundaram o povoado de Mato Grosso, que existe até hoje, três léguas acima da cidade de Rio de Contas.

A região enriqueceu com a mineração, e em 1746, o povoado de Crioulos foi denominado Vila Nova de Nossa Senhora do Livramento e Minas do Rio das Contas. Em 1931, o nome foi simplificado para Rio de Contas. Em 1980, o conjunto arquitetônico de Rio de Contas foi considerado um Patrimônio Nacional. Hoje, a cidade tem crescido bastante, com cerca de 14.000 habitantes, espalhados entre o centro de Rio de Contas e as comunidades vizinhas.¹³

A história das comunidades quilombolas de Barra, Bananal e Riacho das Pedras não está bem documentada como a da cidade de Rio de Contas. Um grande problema quando se estuda a história negra no Brasil é a falta de documentação. Os portugueses, pensando que apagando os documentos da escravidão apagaria a memória das pessoas que foram escravizadas complicaram o desenvolvimento desta história. Ademais, com a falta de acesso e educação dentro de muitas comunidades remanescentes quilombolas, um resgate histórico é preciso para que possa existir uma documentação oficial da história.

A história de Barra, Bananal e Riacho das Pedras ainda existe somente como uma história oral, conhecida em sua totalidade por poucas pessoas nas comunidades. Por ser uma história oral, detalhes vão se perdendo e variedades surgindo com a passagem do tempo. Hoje, há uma história que parece ser a oficial, contada para mim pelo Seu Carmo Joaquim da Silva, uma grande liderança das comunidades morador da Barra do Brumado. Esta foi a história que ele me contou:

Os negros que fundaram estas comunidades chegaram aqui antes dos bandeirantes e dos garimpeiros. Havia um navio trazendo escravos da África, que encalhou no sul da Bahia, perto de onde hoje existe a cidade de Itacaré. Neste lugar, se desemboca o Rio das Contas. O pessoal aproveitou do encalhe e fugiu do navio em busca da liberdade. Isto aconteceu no século XVI ou XVII. O pessoal seguiu o trajeto do Rio das Contas até chegar nesta região. Então, os escravos fugidos formaram estas comunidades, escondidos nas montanhas da chapada. Ninguém sabe quanto tempo demorou para caminhar da costa até esta região, e por isso, Carmo não sabe a data de quando os escravos chegaram aqui.

Quando os garimpeiros chegaram no final do século XVII, eles encontraram os negros mucambados, ou seja, escondidos. Os portugueses obrigaram os negros a trabalhar

no povoamento de Mato Grosso e nos garimpos. Apesar dos negros passarem o dia todo em Mato Grosso, eles não foram permitidos a passar as noites lá. Eles iam e voltavam todo dia para que a miscigenação das raças não acontecesse. Até hoje, as comunidades permanecem segregadas racialmente. Como Carmo disse, “Se dão bem, mas não se misturaram”.¹⁴

O trabalho diário em Mato Grosso teve uma influência enorme nas comunidades quilombolas de Rio de Contas. Os negros, já arrancados das suas raízes africanas para serem escravos no Brasil perderam muita coisa. Visitando as comunidades hoje, é difícil pensar que eles chegaram aqui falando dialetos africanos, praticando costumes africanos e sem nenhuma noção da cultura brasileira ou portuguesa. Porém, os portugueses não respeitavam a vida dos africanos, e muito menos as suas tradições. Forçados a passar tanto tempo em Mato Grosso, a cultura portuguesa começou a chegar nas comunidades negras. Atualmente, se fala somente português nas comunidades e a igreja católica domina a maioria dos costumes das pessoas. Ainda existem traços da herança africana nas comunidades, mas muita coisa se perdeu durante a violenta escravidão.

Conversando com as pessoas, muitas entendem que eles devem fazer um resgate cultural e histórico. Se eles tiverem a vontade, com tempo eles podem reconhecer como foi que eles chegaram aqui e algumas das tradições que eles perderam. Os mais velhos têm um conhecimento melhor de como eram as coisas, mas se ninguém buscar esta informação, ela será perdida. O tempo passa rápido, e quanto mais passa, mais se esquece. Isso é um pouco da realidade do Quilombo de Bananal, Barra e Riacho das Pedras.

Descrição das comunidades

As comunidades quilombolas de Barra, Bananal e Riacho das Pedras ficam situadas a 15 quilômetros do centro de Rio de Contas. Barra é a maior das comunidades, com mais ou menos 60 famílias. Bananal fica cerca de meia-hora de caminhada da Barra, onde residem cerca de 20 famílias. Riacho das Pedras fica ao lado do Bananal, mas agora a maioria desta área existe só para os peixes. As 30 famílias do Riacho das Pedras tiveram que se deslocar por causa da barragem que foi construída em 1983 que inundou a sua terra. Agora eles moram em vários lugares, incluindo Rio de Contas, Livramento, São Paulo e outras cidades perto e longe.

As casas do Bananal e da Barra são parecidas. A maioria são brancas, com seus quartos de dormir, a cozinha e a sala. Muitas das cozinhas têm um fogão à gás, mas as pessoas usam mais o fogão a lenha para economizar o gás. As salas que eu vi tinham uma televisão com o receptor, um som, e serve como um lugar onde a família se junta a noite, assistindo as novelas e as notícias. Também, não se entra nessas casas sem perceber a quantidade de relógios na parede, parados no tempo porque as pilhas acabaram. O único telefone nas duas comunidades existe na casa do Carmo, na Barra. A energia chegou nestas comunidades em 1995, excluindo uma parte da Barra que até hoje vive usando o querosene para acender as lanternas.

Entre as casas e nas roças, desfilam o gado, os leitões, as galinhas e os cavalos. Cada comunidade tem sua escola e a professora que ensina o primeiro grau e também escola para os adultos à noite. Para o segundo grau, os estudantes pegam um ônibus para Rio de Contas e voltam no mesmo dia. Depois da escola, as crianças ficam brincando com uma bola ou algo fora das casas e também parecem ajudar muito os pais. Foi difícil encontrar jovens nas comunidades, provavelmente porque eles estão estudando, morando em Rio de Contas ou em outra cidade buscando emprego.

A vida nas comunidades é concentrada na roça. Tanto as mulheres como os homens passam o dia trabalhando com as plantas, com o arroz, o café, o feijão, o milho, a farinha etc. As pessoas acordam cedo para aproveitar o dia e parecem dormir tarde, depois das novelas. E o sol quente não deixa de fazer sua marca no corpo das pessoas trabalhando na roça. Durante a semana eles trabalham e aos sábados eles pegam o ônibus às 4:00 da manhã para vender as coisas na feira. Esta é a maneira pela qual a maioria das pessoas nas comunidades recebe sua renda.

A vida para as pessoas do Riacho das Pedras já é uma coisa diferente. Expulsos da sua terra por causa da construção da barragem nos anos 80, as pessoas espalharam para vários lugares. Depois de ser expulso, teve um grupo que tentou continuar a vida na roça e mudou-se para um lugar que se chama Barro Branco. Eles conseguiram morar lá um tempo, trabalhando a terra, até que a água secou e tiveram que se relocar de novo. Agora, todas as pessoas do Barro Branco moram em um lugar que se chama Pirulito em Rio de Contas. É praticamente uma rua, sem pavimento, com umas vinte casas só de pessoas do Riacho das Pedras. Muitos moram lá e ainda trabalham a terra de Barro Branco, mesmo que seja seca.

*O rio Brumado passando,
levando o tempo cantando,
nas pedras da curriola...
tempo que não volta mais...*

- Esther Trindade Serra¹⁵

“Tudo se acaba”

Em 1983, a barragem que formou o Açude Público Luis Vieira do Rio Brumado foi inaugurada no município de Rio de Contas pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS). O plano para construir esta barragem existia há muitos anos antes dela aparecer, talvez até desde os anos 1940.¹⁶ A idéia desta construção já era tão antiga, que as pessoas das comunidades afetadas pela barragem nem acreditavam mais que ela fosse chegar. Além disso, “nós não sabia o que era barragem”, disse Maria Santa Cruz de Souza do Bananal.¹⁷ O DNOCS ameaçou as comunidades de Barra, Bananal e Riacho das Pedras dizendo que eles teriam que deixar sua terra porque a água ia tomar tudo. Porém, enquanto a água tomou muita terra boa, foi somente no Riacho das Pedras onde as casas também foram tomadas.

Antes de começar a construir a barragem, o DNOCS chegou nas comunidades e conseguiu tomar os documentos das pessoas. O governo disse que iam chegar benefícios para os quilombolas com a construção desta barragem e que para construí-la, eles precisariam os documentos da terra. “Porque o que foi prometido é que ia fazer uma vila, uma vila para o povo, onde ia ter médico duas vezes por semana, ia ter enfermeira morando dentro da comunidade, ia ter energia, e escola até oitava série... E se enganou muito, nada disso aconteceu. A empresa não fez nada disso. Eles tomaram a documentação sem nenhuma orientação correta, mentindo, prometendo muita coisa”, disse Carmo Joaquim da Silva, morador da Barra.¹⁸ As pessoas, não sabendo que

estavam sendo enganadas, consentiram e entregaram tudo para as mãos do governo. Assim, o DNOCS adquiriu o direito à terra Quilombola e as pessoas ficaram sem documentos, sem identificação, além de muitos também ficarem sem terra onde plantar.

A barragem teve uma variedade de efeitos na vida das comunidades, mas nenhum benefício. O povo que se beneficia da água são as pessoas de Livramento, que moram nove quilômetros de Rio de Contas. O Quilombo só viu promessas feitas pelo governo, que não se realizaram até hoje. A comunidade da Barra foi a menos atingida pela construção. “A água complicou as coisas do pessoal daqui”, disse uma mulher que mora na Barra.¹⁹ Algumas terras foram tomadas pela água, mas as comunidades do Bananal e do Riacho das Pedras estavam situadas mais perto da destruição, e por isso, sofreram mais.

Bananal

De qualquer canto do Bananal, a presença da barragem é visível. O Rio Brumado se tornou um grande lago, que durante o inverno, avança cada dia mais nas roças das pessoas. Explicando a vida antes da barragem, Joanita Maria de Aguiar explica que “era uma vida boa, menina. Foi um mundo acabado quando esta barragem chegou aqui”.²⁰ Eles tinham muita terra boa, onde eles plantavam tudo que eles precisavam. Maria explicou que lá embaixo, onde era o Riacho das Pedras, o pessoal do Bananal usava o engenho e a casa de farinha e só voltava para casa para cuidar dos animais. Eles passavam a semana trabalhando a terra lá embaixo, para que no sábado, eles podiam ir para a cidade vender as coisas na feira. E a vida era assim, as pessoas trabalhando e aproveitando sua terra.

Quando o DNOCS chegou para construir a barragem, eles tentaram deslocar as pessoas das três comunidades. Eles disseram que a água ia tomar toda a terra. Porém, já sendo um povo resistente, as pessoas não mudaram. Elas ficaram e aguardaram a chegada da água. “Nós não mudou, nós tá aí”, disse Maria. Muitas pessoas saíram e muitos dos mais velhos temiam ver tanta água. Maria Dantas dos Santos, conhecida como Dona Pretinha no Bananal, explicou o mesmo sentimento. Ela disse que muitos dos mais velhos pensavam que eles nunca iam chegar a ver a barragem. Depois de 40 anos ouvindo a mesma história, parece que a ameaça da barragem virou um mito, até que ela finalmente virou real demais nos anos 80. E quando aquela barragem chegou, Dona Pretinha disse, “tinha gente que atravessava aquela ponte de olho fechado pra não ver tanta água”.²¹

Conversando com as pessoas do Bananal, percebe-se que elas sentem um orgulho e uma saudade de como eles viviam naqueles dias antes da barragem. Atualmente, eles trabalham o dia inteiro na roça, mas ainda assim, têm muito menos do que eles tinham antigamente. Joanita explica que antes da barragem, “a gente tinha mais roça. E hoje a gente pode ter mais dinheiro, agora tem a casa, faz um arroz aqui em casa, mas não tem a roça. Mas vai vivendo, não é? No jeito que Deus quiser. Vai lutando. Vai com Deus, porque Deus ajuda”.²² As pessoas do Bananal hoje se reconhecem como um povo muito sofrido por causa desta barragem.

A presença da barragem é um fator que as pessoas do Bananal não podem esquecer, e talvez nunca vão esquecer. Nas conversas do dia-dia, o assunto da barragem sempre aparece, especialmente na época de inverno. Este ano, a chuva fez a barragem subir muito, que significa que mais coisas estão se perdendo. As pessoas plantam na beira da água, para aproveitar a terra boa, mas ninguém sabe quando a água vai subir e tomar a terra. Maria explicou que assim, eles perdem o trabalho, o tempo, e até a semente, mas

eles não podem fazer nada. Armandina Maria de Jesus, conhecida como Dona Mandina, contou sobre o sacrifício que é tentar salvar as plantas na beira da barragem. Ela tampou o nariz com a mão, fechou os olhos e explicou que para não perder a mandioca, eles têm que fazer assim e meter a cabeça debaixo da água para arrancar a raiz. “É água que a gente tem até medo”, disse Dona Mandina.²³

Há 23 anos que a barragem foi inaugurada, mas para qualquer pessoa de fora chegando para conversar com as pessoas do Bananal, parece que a barragem foi construída nos últimos cinco anos porque é uma coisa tão recente na mente das pessoas. Este sendo o impacto da barragem na comunidade do Bananal, o que aconteceu com o Riacho das Pedras foi uma coisa ainda mais grave.

Riacho das Pedras

Como as pessoas da Barra e do Bananal resistiram à pressão de mudar da sua terra, as pessoas do Riacho das Pedras também tentaram resistir. E eles conseguiram resistir até que a água veio batendo nas portas das casas, e daí não tinha mais jeito de ficar. Quando se pergunta às pessoas do Riacho das Pedras sobre a barragem, a resposta mais comum é que “a vida é dura, é um sofrimento”.

“Nós estava teimando, ficando, ficando”, explicou José Fereira dos Santos, Seu Zé, com um meio sorriso no rosto, lembrando da luta do povo para poder ficar. “Depois, a água tomou a estrada, aí nós tava presos. Foi tomando as estradas, até tomou tudo... Só saiu mesmo depois que viu a água”, Seu Zé disse.²⁴ Muitas pessoas do Riacho das Pedras não tinham nem para onde ir. Dona Mandina, esposa do Seu Zé, me contou de como eles saíram numa correria. Pessoas deixaram coisas atrás porque não tinham como levar tudo. Ela contou um caso onde a mãe e a irmã dela ficaram debaixo de uma árvore três dias,

esperando o carro chegar para levar as coisas. O carro que estava mudando as pessoas atrasou alguns dias, e as duas ficaram na chuva, dormindo debaixo da árvore porque não podiam deixar as coisas atrás.

As pessoas derrubaram suas casas para poder guardar a telha e outros materiais que poderiam ser usados de novo. Elas saíram de lá com o que elas podiam, mas perderam muito no processo, principalmente a terra. Como no Bananal, ninguém do Riacho das Pedras foi pago pela terra que o DNOCS inundou. “A terra que ficou de baixo da água ficou perdida. Elas não foram, não houve um pagamento para que fosse distribuído estas terras perdidas pela união, ao povo”.²⁵ A terra do Riacho das Pedras, que permitiu as pessoas viverem do jeito que eles viviam, virou o território dos peixes. E hoje, nem os peixes pertencem às comunidades, porque para pescar na barragem, tem-se pagar uma taxa mensal. O processo de indenização que aconteceu foi muito fraco. As pessoas receberam dinheiro para a quantidade de café ou de mandioca que eles tinham, por exemplo, mas o dinheiro foi pouco e não o suficiente para comprar uma casa e morar na cidade.

Memórias da roça

Lembrando dos tempos em que eles moravam lá, muitas pessoas do Riacho das Pedras contam como a vida era boa na roça. Seu Zé mesmo, com um olhar de sinceridade e de saudades, disse que lá era uma beleza onde ele tinha de tudo. Conversando com outras pessoas do Riacho das Pedras que agora moram na cidade, parece que a coisa mais difícil a se acostumar é ter que comprar comida. Na roça, eles plantavam tanta coisa e tinham as criações, portanto, somente precisavam comprar sal ou uma carne de vez em quando. “Nós tinha tanta coisa na roça, que chegava a perder. Aqui, ‘cê tá comprando de

tudo, até o tempero”.²⁶ Para morar na cidade, Florisa Maria de Aguiar explicou, é preciso dinheiro. Pagar pela energia e comida na cidade custa muito mais do que sustentar a vida na roça. Entre outras razões, esta parecer ser o maior motivo que as pessoas têm para voltar para a roça. O estilo de vida é mais sustentável lá do que na cidade, onde falta emprego e dinheiro.

Como de fato, muitas pessoas do Riacho das Pedras optaram por continuar na roça depois que eles foram expulsos do seu local. Um grupo de Riacho das Pedras se mudou para Barro Branco, onde eles viviam na roça e ainda não faziam parte da vida da cidade. Depois de uns quinze anos morando no Barro Branco, o terreno secou e as pessoas não tiveram condições de ficar lá sem água. É uma ironia que água demais tirou as pessoas do Riacho das Pedras, e água de menos tirou as mesmas pessoas do Barro Branco. Depois, as famílias que moravam em Barro Branco mudaram para o Pirulito em Rio de Contas. Hoje, elas ainda moram lá, mas com muita vontade de voltar para a roça.

Seu Zé disse “nós mora aqui porque é obrigado”.²⁷ Porém, eles nunca se acostumaram com a vida da cidade. Dona Mandina e Seu Zé explicaram que eles não podem ficar parados como as pessoas na cidade. Dona Mandina, mesmo com muita dor no seu corpo se ocupa com várias coisas dentro de casa. Desde que eu cheguei na casa dela, ela estava trabalhando, cortando pedaços de pano para poder fazer um tapete, e muitas tardes o marido dela não estava em casa ou estava trabalhando no quintal. Várias vezes eles me contaram que não podem ficar sem fazer nada. Seu Zé, com 84 anos de idade, toma seu café de manhã e quase todo dia sai sozinho, caminhando, para trabalhar na roça do Barro Branco recolhendo mandioca. “Não tem que nem a roça”, eles disseram, com tantas saudades daqueles dias. “Na roça, distrai de tudo”.²⁸

A vontade de voltar

Os mais velhos do Riacho das Pedras já eram muito acostumados a sua comunidade. “Muitos morreram apaixonados por esta terra”, me disse Sebastiana de Lurdes Santos Domingos, conhecida como Lurdinha, filha de Seu Zé e Dona Mandina.²⁹ A pessoa se acostuma a morar no mesmo lugar a vida inteira, e chega a depender num jeito de viver que é o único que ela conhece. A mãe de Joanita morreu pouco tempo depois que a barragem foi construída. “A minha mãe é quem tá de baixo da terra por causa desta barragem. Deu derrame e tudo. E ela trabalhava tanto. Ela falou que quando esta barragem chegar, eu não vou ver. Ela falou eu não vou ver porque Deus não vai deixar eu ver tanta água, e eu ver tanta terra minha debaixo desta água”.³⁰

Dona Mandina, pensando no Barro Branco, disse “Esse mês que passou, me deu uma saudade de lá”. Com a dor nas pernas, ela não agüenta caminhar muito, portanto, fica difícil dela ajudar o marido na roça. E pensando na possibilidade dela não voltar a ver a roça, desceram umas lágrimas dos olhos dela. “Não durmo só pensando”, ela contou. “Tem fé em Senhor Jesus que eu ainda vou para Riacho das Pedras”.³¹

Lurdinha e a família dela também sentem uma forte conexão com o lugar deles no Riacho das Pedras. O marido dela, Otavio da Silva Domingos, é um dos poucos que continua trabalhando lá na roça. A barragem não tomou toda a terra deles, mas fez muito difícil o processo de poder chegar lá. Para chegar no Riacho das Pedras, Otavio passa pelo Bananal e entra numa canoa para atravessar a barragem. Isso é problemático porque se perde muita coisa na roça por não poder trazer tudo de volta na canoa. O ideal para eles seria se uma estrada fosse construída até o Riacho das Pedras. Se a estrada fosse construída, Lurdinha gostaria de mudar de retornar. Seu Zé se sente da mesma maneira. Se alguém conseguisse água para irrigar o Barro Branco ou uma estrada para o Riacho

das Pedras, ele disse que ele voltaria a morar na roça. “Nosso pai nasceu lá e criou tudo lá”, disse Dona Mandina, me explicando que aquela terra é o que eles conhecem.³² Isso não quer dizer que todo mundo gostaria de voltar, porque há pessoas que se adaptaram bem à vida da cidade, mas que muitas pessoas só pensam em voltar para viver na roça. E até para as pessoas que gostariam de ficar na cidade, existe uma saudade dos costumes da vida na roça.

Fluindo com a água

Para muitas pessoas, a entrada da barragem marcou a depreciação da cultura. Com o deslocamento das pessoas, a barragem teve efeitos diretos e indiretos nas tradições dos quilombolas. A cultura e a terra têm uma conexão inseparável. Como Carmo explicou, “Porque você perde o seu local de origem, você perde o povo, sua tradição muda, porque você vai conviver com outros povos que não são seu grupo de origem”.³³ Quando a barragem entrou na terra do Quilombo, todo aspecto da vida foi um pouco afetada, principalmente para as pessoas do Riacho das Pedras. A comunidade se espalhou e com isso muitas tradições culturais sumiram.

Havia muita união entre a comunidade de Riacho das Pedras e também entre as três comunidades. O povo se reunia para as festas, e “era uma animação, uma beleza a noite toda. Sambava a noite inteirinha”, Seu Zé explicou, dando uma risada pensando na diversão daqueles dias. Agora, as pessoas do Riacho das Pedras não podem festejar mais como elas faziam, e elas acreditam que aquele tempo se perdeu para sempre. Mesmo se eles conseguissem voltar para o Riacho das Pedras, segundo a Otavio e Lurdinha, a coisa não seria igual. Muitos já saíram para morar em outros lugares, e os que continuam em Rio de Contas também se espalharam entre a cidade. O povo do Riacho gosta de contar casos de como eles iam de casa em casa, sambando e cantando o reis até o amanhecer.

Hoje, eles teriam que andar muito tempo na cidade para chegar em todas as casas das pessoas, que antigamente moravam um ao lado do outro. Alguns, como Florisa, ainda frequentam as festas do Bananal e da Barra, mas com a distância e a falta de acesso às comunidades, o atendimento não é como era. Como Hélio explicou, “tendo a terra pode dar continuidade a própria cultura”.³⁴

Outra realidade das comunidades é o número de pessoas morando em cidades grandes como São Paulo. A maioria das famílias do Quilombo tem parentes que se mudaram para São Paulo para buscar emprego. Antes da barragem, como eles dizem, as pessoas iam trabalhar em São Paulo, mas depois de uma temporada elas voltavam. Ultimamente, pessoas estão indo para as cidades grandes, construindo suas casas e começando suas famílias lá, sem voltar para o Quilombo. É provável que muitas dessas mudanças estejam ligadas com avanço tecnológico, um problema mundial, fazendo com que as pessoas se interessem por coisas de fora. Porém, muitas pessoas das comunidades ligam este novo padrão à construção da barragem. “Era um grupo organizado, e o povo começa a se dispersar. Muita coisa perdeu porque o povo não pôde manter, e as pessoas foram morrendo”.³⁵ Com a saída de tantas pessoas, a força das tradições culturais não tinha como manter.

E agora?

Vinte e dois anos depois da inauguração da barragem, as pessoas ainda estão procurando algum pagamento para o que eles perderam. O dinheiro que o governo mandou não deu para esquecer do sofrimento que esta barragem causou aos quilombolas. Sem a terra, eles ficaram sem renda, sem a colheita, sem comunidade e sem aquela mesma cultura forte que eles tinham. É difícil imaginar que exista dinheiro suficiente

para devolver a estas pessoas o que eles perderam. A barragem deixou uma marca na mente das pessoas que nunca será apagada.

Respondendo ao sofrimento que a água trouxe, em 1987, as comunidades formaram a Associação de Desenvolvimento Comunitário Rural de Barra do Brumado, Bananal e Riacho das Pedras. A associação foi formada para organizar os quilombolas para que eles pudessem cobrar os seus direitos básicos. Logo, a associação foi reconhecida pelos Movimentos Negros Urbanos em Salvador, e em 1999, o Quilombo conseguiu o título da sua terra. Primeiro, a comunidade foi reconhecida como uma comunidade remanescente de Quilombo pela Fundação Cultural Palmares, e no mesmo ano, a terra foi titulada pelo Governo Federal. A titulação da terra tem sido uma novidade muito positiva para o Quilombo, mas também não resolveu os problemas de antes.

Em respeito ao Governo Federal, Carmo reconhece que as coisas estão mudando. Ele disse que “as comunidades negras têm uma abertura muito grande hoje no governo federal”.¹ Isso se deve aos novos Ministérios do Governo Lula para combater as injustiças do Brasil, e também às tentativas de algumas pessoas para conscientizar a população brasileira. Porém, essas melhorias estão demorando em serem percebidas dentro das comunidades.

“Tem alguns programas e projetos, mas não está acontecendo ainda. Precisa acontecer, do estado federal. Começaram a chegar, mas tem algumas manipulações e a coisa para”, explicou Carmo.³⁶ Joanita disse que o governo está tentando fazer algumas “coisinhas”, mas ela também fala que o problema da terra ainda nunca foi resolvido. E várias pessoas me explicaram que a política é uma coisa complicada, seja no nível municipal, estadual ou federal.

¹ Entrevista 1

A história esquecida

O governo brasileiro, quando trata da questão Quilombola, tem que se lembrar da história dessas comunidades. É como Carmo disse: “A Nação, a União precisa ser bem mais atenta à causa dos quilombolas, porque falando assim do sofrimento, foi quem mais sofreu. Foram arrancados das suas terras, sua terra natal, seu país de origem, para ser escravizado aqui no Brasil. Então, até hoje não foi dado este retorno a eles, perderam tudo, perderam até sua cultura”.³⁷

O fato é que os quilombolas ocupam um espaço muito importante na formação da cultura brasileira. Hoje em dia, a fama do Brasil se encontra na riqueza da cultura, no samba, na capoeira e no carnaval, que tem muito a ver com a influência africana no país. Todas essas tradições foram preservadas pelos africanos, escondidos nessas comunidades, tentando buscar sua liberdade. Agora, o povo brasileiro adota essa cultura afro-brasileira, mas parece que esquece de como foi que ela se formou. Se as pessoas responsáveis pela existência dessa cultura no Brasil fossem tão apreciadas quanto suas tradições, talvez não tivéssemos o mesmo problema de negligência da população afro-brasileira.

Conclusão

Encima de tudo que foi perdido com a construção da barragem, talvez um dos maiores problemas seja o que aconteceu com a mentalidade da comunidade. A pessoa sendo enganada ou roubada não se sente como uma pessoa respeitada. Nem dado uma voz para resistir a construção da barragem, a vida dos quilombolas foi desvalorizada. O governo aproveitou da falta de recursos do Quilombo e da vulnerabilidade de uma comunidade pobre e isolada. Depois de séculos ocupando e trabalhando sua terra, o

governo entrou para dizer aos quilombolas que eles não tinham o direito mais de ficar na sua própria terra. É uma coisa ser negligenciado, como são muitas comunidades negras no Brasil, mas ser negado seus próprios direitos já chega a ser um problema mais grave.

O resultado é que hoje, os quilombolas não têm razão para confiar no governo. Já sendo um povo baseado numa história lutadora, hoje eles deveriam ser recompensados, em vez de negados, pelo tudo que eles perderam durante séculos da escravidão. Quando eu perguntei se as pessoas das comunidades pensaram que o governo sabia sobre o sofrimento que a barragem ia causar, muitas pessoas começaram a dizer “quem sabe?” Mas, ao pensar um pouco mais sobre a situação, a resposta se virava “eles devem ter sabido”. Surge uma desconfiança nas intenções do governo.

Depois de tantos anos sozinhos, as pessoas entendem que o governo não está lá para ajudá-las, e elas não podem fazer nada. Como Carmo explicou, a política sempre atrapalha e por causa disso, a comunidade não recebe benefícios. “É porque nós não tem o que fazer”, respondeu Joanita quando eu perguntei sobre o que deveria ser feito na parte do governo sobre a terra. Ela me explicou que o governo faz o que quer fazer, e “agora, não tem mais jeito”.²

E a história não acaba aqui para essas pessoas. Em vez de sentirem-se incapacitadas, elas continuam lutando. “Nós ‘tá aí, nessa luta aí”.³ Deve ser a história de resistência dessas comunidades que continua produzindo pessoas tão fortes. Mesmo com a falta de atenção do público brasileiro, elas têm sido responsáveis pelo seu próprio desenvolvimento. Elas estão muito conscientes que a vida continua um sofrimento, mas eles conseguem dizer isso com sorrisos nos rostos porque elas vão continuar vivendo.

² Entrevista 4

³ Entrevista 6

É importante lembrar que os problemas das comunidades quilombolas não é um caso isolado. Ou seja, o maior problema que os Quilombos estão encontrando, atualmente, é a questão do direito à terra. Existem muitos poucos Quilombos que têm o título da terra, e até eles conseguirem o título, há uma insegurança sobre o que possa acontecer com as respectivas comunidade.

Com as comunidades quilombolas do Bananal e do Riacho das Pedras, o evento que teve mais impacto na vida deles foi a construção da barragem. Para poder construir a barragem, o governo teve que entrar nas comunidades e enganando os residentes, conseguiu os documentos deles. As pessoas não foram adequadamente informadas do que estava acontecendo e agora é tarde demais. O governo pode ainda pagar pela terra que nunca foi indenizada aos quilombolas, mas o jeito de viver daqueles dias jamais voltará. A construção da barragem prejudicou a cultura, a terra e a mente. A vida ficou mais difícil e a história foi negada.

Por serem locais muito importantes de resistência à escravidão, o governo e os brasileiros devem respeitar essas comunidades. A história dos Quilombos pode nos ensinar muito sobre o que aconteceu no Brasil e também sobre a situação atual da população afro-descendente. A situação está começando a melhorar, mas esperamos que mais comunidades não precisem ser prejudicadas antes de entendermos a importância delas para a sociedade brasileira. Agora, a preocupação deve ser como melhorar a vida Quilombola e começar a recompensá-las por tudo que elas têm perdido.

Sugestões para outros Estudos

Uma das únicas coisas que não falta quando discutimos a questão Quilombola são novos temas para estudar. A história do Quilombo contemporâneo ainda precisa ser melhor desenvolvida para que avanços possam chegar dentro das comunidades. Em relação à questão fundiária, falta muito mais a ser feito. O Governo Lula passou um novo decreto para titular a terra Quilombola, mas até agora, parece que o decreto tem sido pouco usado. Seria interessante estudar como a política está mudando com esse decreto e com as idéias de Lula. Também seria interessante pesquisar sobre o trabalho da Fundação Cultural Palmares que tem sido responsável por muitos avanços na vida Quilombola. Os brasileiros conhecem muito pouco sobre a realidade Quilombola e muito mais estudos podem ser feitos para melhorá-la. Daqui a uns anos, gostaria de voltar para as comunidades de Barra, Bananal e Riacho das Pedras para ver as mudanças da vida deles.

Apêndice

Como o meu projeto envolve um fenômeno completamente brasileiro, eu não podia ter feito o mesmo estudo nos Estados Unidos. O Quilombo existe por causa da história brasileira, e por isso precisa ser estudado no contexto do Brasil. Estudar a população negra é uma coisa diferente do que estudar as comunidades quilombolas. Ainda mais, meu projeto foi concentrado num evento específico que aconteceu em uma região, portanto, nem podia ter sido feito em qualquer Quilombo. Nos Estados Unidos, eu podia ter pesquisado a literatura sobre os Quilombos, mas meu projeto mesmo só podia ser realizado dentro de um Quilombo.

O ISP ampliou muito minha aprendizagem. É um processo completamente diferente aprender uma história das próprias pessoas que conviverem esta história do que de um livro ou um artigo. Conversando com as pessoas, eu me aproximei à comunidade e assim consegui entender mais sobre a comunidade em geral, e não somente sobre um aspecto dela. Para mim, ao fazer um trabalho baseado em fontes secundárias, você se preocupa mais com analisando as idéias dos outros. No outro lado, numa pesquisa de campo como o ISP, o mais importante é contar as histórias das pessoas para outros possam entender a situação delas. Para encaixar a história dos Quilombos de Rio de Contas na problemática Quilombola, eu escrevi um pouco sobre o contexto dos Quilombos no Brasil usando fontes secundárias. Após, expliquei o que foi que aconteceu exclusivamente com esta comunidade.

As atividades que nós fizemos durante o FSS ajudou enquanto fazendo o ISP, mas eu acho que podia ter ajudado mais. Para mim, o mais importante do FSS foi acostumar a fazer entrevistas informais com as pessoas. Por causa dos nossos exercícios com o FSS, eu me senti mais confortável iniciando conversas com os quilombolas. Porém, eu acho

que as aulas do FSS podiam ter explicado um pouco melhor como a entrevista deve ser. Pelo menos no meu caso, eu percebi que você precisa fazer muitas perguntas descritivas, porque é assim que as pessoas se sentem mais confortáveis. Acho que muitos alunos tentam fazer perguntas mais filosóficas porque as respostas facilitariam o ISP, mas pessoas não pensam assim. Fazendo estas grandes perguntas filosóficas podem esmagar uma pessoa não acostumada. Acontece que juntar a informação não é tão fácil assim como desejamos. Acho que um dos maiores problemas enquanto fazendo o ISP é os pensamentos que você tem antes de começar. Mesmo querendo entrar com uma mente completamente aberta, você vai ter algumas idéias do que é que você gostaria de ouvir das pessoas. Acho que isso é uma coisa muito difícil de vencer. Mas também, não quero dizer que isso é uma coisa ruim porque aí você entra no campo, e suas idéias vão mudar dependendo da realidade que você vai encontrar, e isso é a parte mais importante.

O limite do tempo também dificultou o trabalho. Dificultou para mim porque eu não passei o meu tempo todo nas comunidades. Foi mais fácil ir e voltar para eu poder juntar minhas informações e também conversar com as pessoas dentro da cidade. Eu gostaria de ter passado algumas mais semanas dentro das comunidades para poder ter conversado com mais pessoas. A vida na roça não para, e foi difícil encontrar muitas pessoas em casa durante o dia. Então o tempo realmente foi um limite.

Como o tempo do ISP é bastante apertado, eu saí de Salvador sem ter tempo de encontrar com o meu orientador. Eu conversei com ele por telefone e mandei a proposta da minha pesquisa para ele por e-mail. Ele confirmou que ele recebeu o e-mail, e foi aí que nossa correspondência parou. Eu esperei ele mandar uns comentários para mim sobre o meu projeto, e talvez ele estava esperando que eu mandasse algo mais para ele. Então, infelizmente ele não teve nenhuma influência no meu estudo. Eu não tive tempo de voltar

para Salvador somente para conversar com ele porque meu tempo aqui já era curto. Eu conversei com Gilberto Leal, que foi um orientado de uma outra aluna, e acho que ele ajudou muito por causa do conhecimento dele dessas específicas comunidades. Ele trabalha muito em Rio de Contas, então conversando com ele eu pôde receber um conhecimento mais em geral sobre as comunidades.

Eu consegui aprender bastante sobre as pessoas das comunidades quilombolas de Rio de Contas. É lógico que eu não conheci todo mundo, mas fiz amizades com algumas pessoas que facilitou a minha convivência com a comunidade. Aprendi sobre os costumes do dia-dia e fiquei impressionada com a generosidade das pessoas. Aprendi sobre muitos aspectos da vida que não teria aprendido se não tivesse ficado na casa das pessoas das comunidades. Conversei muito com as pessoas, não somente sobre a minha pesquisa, mas também sobre a vida e respondi as perguntas delas sobre os Estados Unidos. Eu aprendi que esta comunidade é muito forte e ainda continua sendo muito resistente.

Eu aprendi do ISP como é importante conversar com as pessoas para poder entender as histórias delas. As pessoas das comunidades onde eu visitei tinham tanto para me contar. Talvez até mais importante, meu tempo no Brasil tem me ensinado que a coisa mais importante na vida é continuar vivendo. Ou seja, os brasileiros, mesmo vivendo na pobreza e miséria desse país, ainda possuem uma energia impressionante. Por isso que eu recomendaria esse projeto para qualquer pessoa. Não tem uma experiência que compara com a do ISP. Qualquer oportunidade de fazer um projeto assim de novo, eu faria sem hesitação.

Perguntas para as Entrevistas

-Pode me contar um pouco da história dessas comunidades? Como que vocês chegaram nessa terra?

-Como era a vida antes da barragem aqui?

-Com foi quando eles estavam construindo a barragem? Qual foi o processo? Vocês sabiam o que estava acontecendo? Pessoas vieram falar com vocês sobre a barragem antes de construí-la?

-E o que vocês acharam da construção?

-Tinha resistência da comunidade contra a barragem?

-Teve um processo de indenizar as pessoas?

-Você acha que o governo sabia que a barragem ia prejudicar vocês tanto? O que eles queriam ganhar com a construção?

-Como que a vida mudou depois da construção?

-Como está a condição da terra hoje? Como foi o processo para receber o título a terra?

-Qual é o significado da terra para você e para a comunidade?

-Você acha que a terra tem alguma conexão com a cultura? A cultura de vocês mudaram depois da barragem?

-Gostaria de mudar de volta para o Riacho das Pedras?

-O que você acha que deveria ser feito agora?

-Como que as pessoas têm mudado depois da barragem?

-
- ¹ Amorim, Itamar Gomes e Germani, Guiomar. *Os Quilombos da Bahia e a Regularização Fundiária*. Universidade Federal da Bahia. <http://www.igeo.uerj.br/VICBG-2004/Eixo1/e1%20256%20a.htm>
- ² Moura, Clóvis. “Forma de Resistência do Negro Escravizado e do Afro-Descendente,” em *História do Negro no Brasil, Vol. 1*. Fundação Cultural Palmares, Brasília: 2004. 32.
- ³ Lavergne, Barbara. *Quilombo Cafundó: Today’s Cultural Resistance in Brazil, Struggle Against Its Disappearance*. Journal of Black Studies, Vol. 11, No. 2, Dec 1980. .
- ⁴ Kent, R. K. *Palmares: An African State in Brazil*. The Journal of African History, Vol 6, No 2 (1965). 175.
- ⁵ Ilka Boaventura Leite. *Os Quilombos no Brasil: Questões conceituais e normativas*. www.NEAD.org
- ⁶ A Fundação Cultural Palmares foi fundada em 1988 para dedicar-se à população negra no Brasil. A FCP é responsável por identificar comunidades remanescentes quilombolas para que elas possam receber o título da sua terra.
- ⁷ Lisboa, Carla. *O Brasil que o país ignora*. Guevara Home, 2004
- ⁸ Lisboa, Carla. *O Brasil que o país ignora*.
- ⁹ Ministro Paulo Renato Souza. *Uma História do Povo Kalunga*. Ministério da Educação, Secretária da Educação Fundamental, Brasília: 2001. 29.
- ¹⁰ Lisboa, Carla. *O Brasil que o país ignora*.
- ¹¹ Ilka Boaventura Leite. *Os Quilombos no Brasil: Questões conceituais e normativas*.
- ¹² Serra, Esther Trindade. *Guia Lírico de Rio de Contas*. Fundação Nacional Pró-Memória, Brasília: 1987. 32.
- ¹³ A informação sobre a história de Rio de Contas foi obtida do *Arquivo Público Municipal de Rio de Contas*, encontrado no Arquivo Municipal da cidade.
- ¹⁴ Entrevista 1 (Todas as entrevistas podem ser encontradas dentro do Field Work Journal, começando na pagina 174)
- ¹⁵ Serra, Esther Trindade. *Guia Lírico de Rio de Contas*. Fundação Nacional Pró-Memória, Brasília: 1987. 20.
- ¹⁶ Entrevista 6
- ¹⁷ Entrevista 7
- ¹⁸ Entrevista 1
- ¹⁹ Entrevista 2
- ²⁰ Entrevista 4
- ²¹ Entrevista 8
- ²² Entrevista 4
- ²³ Entrevista 6
- ²⁴ Entrevista 6
- ²⁵ Entrevista 1
- ²⁶ Entrevista 6
- ²⁷ Entrevista 6
- ²⁸ Entrevista 6
- ²⁹ Entrevista 5
- ³⁰ Entrevista 4
- ³¹ Entrevista 6
- ³² Entrevista 6
- ³³ Entrevista 1
- ³⁴ Entrevista 3
- ³⁵ Entrevista 1
- ³⁶ Entrevista 1
- ³⁷ Entrevista 1